

(IN) VISIBILIDADE DE TERRITÓRIOS: NARRATIVAS DE MULHERES [NEGRAS] DO/NO MABSUL

*(IN) VISIBILITY OF TERRITORIES: NARRATIVES OF [BLACK] WOMEN FROM/IN
MABSUL*

*(IN) VISIBILIDAD DE LOS TERRITORIOS: RELATOS DE MUJERES [NEGRAS] DE/EN
MABSUL*

Lilian Soares da Silva

Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura/UPM
lilian.soares.saopaulo@gmail.com

Douglas Vaz Franco Santana

Mestrando em Educação/UNESC
dougvasfrancos@unesc.net

RESUMO

O presente trabalho objetiva evidenciar as mulheres negras do/no Museu Afro-Brasil Sul (MABSul) com suas narrativas e histórias de vida que foram (in)visibilizadas no transcorrer dos séculos na historiografia brasileira. Assim como, na arte nacional e internacional as mulheres têm seus corpos, rostos e bustos retratados como uma figura feminina em dado momento pela sensibilidade artística, na exaltação do gênero e na ocultação de um ser humano pleno com características singulares que a tornaram e marcaram a sua narrativa. O aporte teórico metodológico como ponto de partida são as publicações do Instagram do MABSul no mês de março de 2021, no qual, as mulheres de nossas histórias foram reverenciadas com sua trajetória de vida. Isso significa que, o cruzamento dos dados na rede social será interseccionado com a historiografia brasileira das mulheres na Arte. As narrativas são o ponto chave para a construção da produção acadêmica, interseccionando com a historiografia brasileira, a mulher negra e arte feminina como novas epistemologias para o delinear das palavras, do texto e do contexto em sua vastidão de perspectivas e potencialidades.

Palavras-chave: MABSul. Narrativas. Historiografia (brasileira). Arte feminina. Mulher (Negra).

ABSTRACT

This paper aims to highlight the black women from/in the Museum Afro-Brazil Sul (MABSul) with their narratives and life stories that were (in)made visible over the centuries in Brazilian historiography. Likewise, in national and international art, women have their bodies, faces and busts portrayed as a female figure at a given time by artistic sensibility, in the exaltation of gender and the concealment of a full human being with unique characteristics that made her and marked her narrative. The theoretical methodological contribution as a starting point are the Instagram publications of MABSul in the month of March 2021, in which, the women of our stories were revered with their life trajectory. This means that, the crossing of the data in the social network will be intersected with the Brazilian historiography of women in Art. The narratives are the key point for the construction of the academic production, intersecting with the Brazilian historiography, the black woman and female art as new epistemologies for the delineation of the words, the text and the context in its vastness of perspectives and potentialities.

Keywords: MABSul. Narratives. (Brazilian) historiography. Women's art. (Black) woman.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo destacar a las mujeres negras de/en el Museu Afro-Brasil Sul (MABSul) con sus narrativas e historias de vida que fueron (in)visibilizadas a lo largo de los siglos en la historiografía brasileña. Asimismo, en el arte nacional e internacional, las mujeres tienen sus cuerpos, rostros y bustos retratados como figura femenina en un momento dado por la sensibilidad artística, en la exaltación del género y el ocultamiento de un ser humano pleno con características únicas que la hicieron y marcaron su narrativa. El aporte teórico metodológico como punto de partida son las publicaciones de Instagram de MABSul en el mes de marzo de 2021, en las cuales, las mujeres de nuestras historias fueron reverenciadas con su trayectoria de vida. Esto significa que, el cruce de los datos en la red social se cruzará con la historiografía brasileña de las mujeres en el Arte. Las narrativas son el punto clave para la construcción de la producción académica, cruzándose con la historiografía brasileña, la mujer negra y el arte femenino como nuevas epistemologías para la delimitación de las palabras, el texto y el contexto en su vastedad de perspectivas y potencialidades.

Palabras clave: MABSul. Narraciones. La historiografía (brasileña). El arte de las mujeres. Mujer (negra).

INTRODUÇÃO

A produção intelectual acadêmica está pautada em narrativas negras femininas publicizadas pelo Museu Afro Brasil (MABSul) no mês de março/2021, mulheres essas que permeiam os territórios dos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Mulheres negras que, como diz o poema autoral intitulado “Poesia pra quem?” (SILVA, 2017, p. 53) no Caderno Sisterhood sobre a marcha das mulheres negras contra o racismo, a violência e pelo bem viver: realizações, impactos e perspectivas.

A poesia é um texto para quem,
para quem se dispuser a ler e para quem se interessar a ler.
A poesia é...
A poesia é uma memória, um relato, uma experiência.
uma memória de algo bom ou doloroso,
um relato de alguém,
uma experiência de uma situação.
A poesia é...
A poesia é uma contação de algo que ninguém escreveu ou apenas leu.
A poesia pode...
pode dizer, pode contar, pode narrar.
A poesia irá apresentar...
Apresentar as mulheres negras que nos fizeram nascer,
as mulheres negras que nos fizeram escolher,
as mulheres negras que nos deram o direito de dizer.
Elas foram as precursoras dos movimentos sociais negros e, nos impuseram
prosseguir.
Prosseguir como uma meta a se dirigir.
Dirigir para evoluir.
Evoluir para se seguir.
Essas mulheres são exemplos e modelos,
modelos de vivências e aparências,
exemplos de vida e de superação.
Essas mulheres não podem e não devem ser esquecidas,
elas devem ser reverenciadas e lembradas.
Essas mulheres devem ser uma constante em nossas vidas,
constante em cada instante,
constante em cada ação,

constante em cada palavra,
constante em cada ato ou situação.
Essas mulheres podem ser cada uma de nós,
cada uma de vocês,
basta entender e compreender,
que quem faz essa mulher é VOCÊ.
(SILVA, 2017, p. 53)

Diante dessa narrativa e potencialidade dessas mulheres, que sou eu e quem é você que apresentamos as nossas mulheres do/no MABSul, suas trajetórias e narrativas contextualizam uma nova perspectiva de compreensão da arte e da mulher negras sob a ótica das novas tecnologias e as redes sociais, não somente como um campo de fonte de informação e, sim uma área de conhecimento a ser inserida na Academia, seus contextos e contra narrativas, antes um espaço teórico-científico de poucos, hoje, uma possibilidade de integram saberes, fazeres e dizeres de toda uma população que não se inseria nos bancos escolares, desde a formação do território nacional, mas que com sua força pela história oral conseguiu produzir e difundir todo o conhecimento ancestral.

A ARTE BRASILEIRA E A MULHER NEGRA

A arte brasileira em seu contexto e contra contexto apresenta a mulher negra (quanto o faz) como um corpo escultural, a beleza nos traços femininos, genitora de uma família, a ama de leite, a escravizada e entre outras representatividades de inferioridade do indivíduo, no qual, é uma narrativa que em nada compactua com o empoderamento feminino, o pertencimento e a representativa das narrativas construídas, vivenciadas e experienciadas por todas essas mulheres que são o aporte teórico metodológico desse artigo. Bem como, as suas narrativas delineiam não corpos femininos, mas a luta de mulheres negras, sua resistência e reexistência para a sobrevivência de si e dos seus, de si e da sua família, de si e do todo.

Sob a ótica do processo das artes plásticas e da historiografia da arte teremos que, as mulheres quando representadas em pinturas, quadros ou outras obras eram majoritariamente estereotipadas, sexualizadas e características de uma personalidade de submissão, de aceitação e de condizente como toda a narrativa histórica do senso comum de sua época. Em contrapartida, “a investigação histórica, dessa viagem do presente ao passado e do passado ao presente, é sempre a busca de um dado-explicação novo ou de uma nova abordagem do mesmo, guiada pelos sentidos gerais da utilidade histórica” (FELIX, 1998, p. 72). Assim sendo, “a

pesquisa, em sua dinamicidade de instâncias e fases que se interpenetram dialeticamente, configura-se como estrutura e como processo” (ibidem, p.73).

Outro processo são as pinturas e as representações iconográficas do passado e do presente, das culturas dominantes/dominadoras, europeizadas e eurocêntricas, do opressor e do oprimido que marcaram uma trajetória das obras e uma cartografia da invisibilização em narrativas e olhares da/para a população negra.

Não obstante, as obras compõem o diálogo com a sociedade e para quem elas foram criadas, confeccionadas ou produzidos, agregando o olhar do artista que a PRODUZ. Desse modo, as interações devem ser analisadas em cada detalhe, cor, tonalidade, luz e sombra da obra em questão, isso porque, a imagem nunca é (ou não deveria ser) meramente ilustrativa, ela apresenta mensagens subliminares, opiniões e interpretações que por ora estão latentes e, por ora ocultas, silenciadas e que, podem (ou poderiam) passar despercebidas. Um exemplo desse processo no sistema colonial e de escravização portuguesa no território brasileiro são as representações da população escrava sempre em pose de servidão, de submissão, de pés descalços e em planos de fundo para compor o quadro, a fotografia ou iconografia. Em contrapartida, quando há o foco é a família real ou a nobreza, os olhares, contrastes e as cores tornam-se diferente, com uma luz natural, um ambiente suntuoso, as roupas com riqueza de detalhes e a nobreza superior a todos os demais (caso apareçam), representando a legitimidade e a hierarquia do poder entre o indivíduo e o coletivo, ou vice-versa.

Tal observação das artes plásticas e iconográficas requer uma “percepção contemplativa, da formulação teórica, suporte da ação científica, é um processo comum de investigação a todas as áreas do conhecimento e não apenas as ciências humanas em geral (FELIX, 1998, p.69). Logo, o autor apresenta uma ilustração como exemplificação da “théoria = ação de ver e contemplar”:

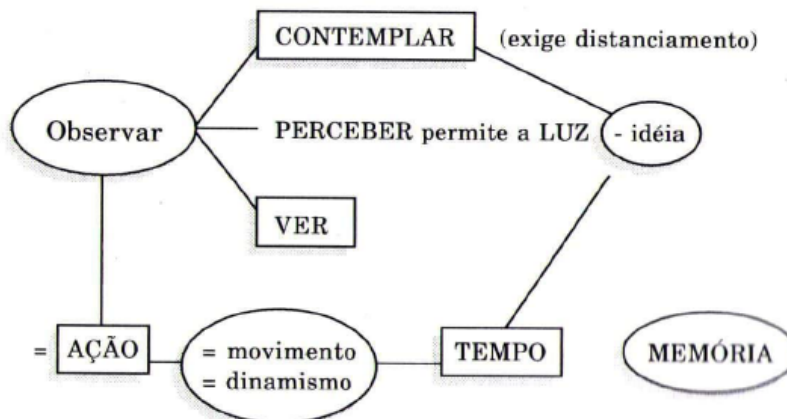


Figura 1: Esquema da percepção contemplativa (FELIX, 1998, p. 69)

Este esquema da percepção contemplativa também é aplicado ao texto escrito ou imagético, no qual, construímos a “posse já de um certo olhar, de uma forma de ver e de perceber a história (o relato – testemunho), desencadeamos o processo de pesquisa” (Ibidem, p. 70).

Por conseguinte, o processo de pesquisa e aporte teórico do artigo são estes relatos, testemunhos, narrativas e textos escritos e publicizados pelo MABSul para representação das mulheres negras por si e por elas, por si e pelas suas/pelos seus, todos eles foram escritos por integrantes do museu, familiares, pesquisadores e detentores do legado dessas mulheres que marcaram (ainda marcam) o seu tempo e por onde andam, hoje e sempre.

HISTORICIZANDO O CONTEXTO

Primeiramente, há que se estabelecer um panorama do contexto histórico da legislação brasileira e dos marcos teóricos para as comunidades e povos tradicionais, a população afro-brasileiras e afrodescendentes no território nacional, considerando-se como:

Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações. (BRASIL, 2007)

Tais territórios originários nacionais representam a formação da população com suas especificidades, singularidades e regionalidades dos indivíduos e do coletivo, nos quais, em 05 de Outubro de 1988, com a Constituição Federal da República Federativa do Brasil outorgando em seu artigo 231, o seguinte texto sobre as populações originárias e/ou indígenas, nas quais:

“são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. (BRASIL, 1988).

Paralelamente, destacamos os Marcos jurídicos de legislações focando a população negra extraída Comissão Pró Índio de São Paulo (2018) com as especificidades do artigo em voga:

Constituição Federal de 1988	Artigo 215 Artigo 216 Artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias
Portaria Incra n.º 307, de 22 de novembro de 1995	Determina que as comunidades remanescentes de quilombos, como tais caracterizadas, inseridas em áreas públicas federais, arrecadadas ou obtidas por processo de desapropriação, sob a jurisdição do INCRA, tenham suas áreas medidas e demarcadas, bem como tituladas
Portaria MINC n.º 447, de 2 de dezembro de 1999	Delega a competência a titular da Presidência da Fundação Cultural Palmares.
Portaria FCP n.º 40, de 13 de julho de 2000	Estabelece normas que regerão os trabalhos para a identificação, reconhecimento, delimitação e demarcação, levantamento cartorial, e titulação das terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos.
Decreto n.º 4.885, de 20 de novembro de 2003	Dispõe sobre a composição, estruturação, competências e funcionamento do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR), e dá outras providências.
Decreto n.º 4.886, de 20 de novembro de 2003	Institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR) e dá outras providências.
Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004	Promulga a Convenção no 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT sobre Povos Indígenas e Tribais.
Resolução FNDE n.º 09, de 28 de março de 2006	Estabelece as orientações e diretrizes para assistência financeira suplementar aos projetos educacionais, no âmbito do Ensino Fundamental, em áreas remanescentes de quilombos, para o ano de 2006.
Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007	Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
Decreto n.º 6.872, de 4 de junho de 2009	Aprova o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR), e institui o seu Comitê de Articulação e Monitoramento.

Tabela 1: Histórico das legislações para população tradicional, quilombola e indígena (1988 a 2009).
Fonte: Elaborada pela pesquisadora

As legislações poderiam continuar com as políticas de ações afirmativas, as cotas e permanências nas universidades federais e entre outras que são marcos para a educação nacional, assim como, para o empoderamento de muitas mulheres desse artigo em que o processo de ensino aprendizagem, seja pela dor, amor ou luta possibilitou galgar um legado de reexistência em seus territórios. Reexistência que, em dados momentos não eram valorizadas ou relatadas por e pelas mulheres na historiografia brasileira ou campo da cultura.

De acordo, com Ronaldo Vainfas, afirma que:

Não seria exagero, portanto, dizer que nossos historiadores do século XIX, ainda que não o fossem de ofício, salvo raras exceções, deram contribuições importantes no campo da cultura brasileira, investigando inúmeros aspectos da sua diversidade em perspectiva histórica. (VAINFAS, 2009, p.219)

Sob a ótica da diversidade em perspectiva, que interrelacionamos os processos de reparações históricas e ações afirmativas para com as populações negras e indígenas do território brasileiro, apresentam-se dispositivos legais que versam, por exemplo, a respeito da história e cultura afro-brasileira e indígenas (Lei Federal nº 10.639/03 e Lei Federal nº 11.645/08). A primeira “altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências” e a segunda, inclui a história e cultura indígena na Educação Básica.

Nessas perspectivas, o Museu Afro Brasil Sul (MABSul) possibilita o aprofundamento dos diálogos entre história e patrimônio cultural quando da criação de um museu virtual focado na preservação do patrimônio histórico material/imaterial do povo negro sul-brasileiro, na instrumentalização, a formação continuada e o desenvolvimento pedagógico das/dos profissionais no trabalho com a educação para as relações étnicas raciais, a educação antirracista, a educação decolonial e entre outras ações didáticas previstas na lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), pareceres, decretos e programas de intervenções educadoras, de âmbito federal, estadual ou municipal, possibilitando o conhecimento de peculiaridades e as singularidades regionais.

Com relação às novas tecnologias, o acesso à rede de Internet, aos equipamentos tecnológicos, softwares, aplicativos e as redes sociais promovem uma ferramenta efetiva e eficaz para as políticas públicas e educativas. Desse modo, a internet é uma potência na difusão do conhecimento pelo MABSUL: no registro e sistematização dos dados com as narrativas orais (podcast, webinar, lives e eventos temáticos no YouTube) e escritas (publicações nas redes sociais do Instagram, Facebook e Twitter); na preservação da memória sulista dos patrimônios ancestrais, históricos e culturais dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; na formação de uma identidade positiva e do pertencimento étnico-racial; e, por fim, no empoderamento da população negra e seus territórios.

As temáticas supramencionadas abrangem uma amplitude de áreas e conhecimentos que envolvem assuntos, conteúdos e informações do patrimônio histórico, cultural e identitário

recentes e complexos no universo da Academia. Isso significa que, tais perspectivas e questionamentos não integravam a matriz curricular, o projeto político pedagógico dos cursos de graduação ou pós-graduação e permaneciam desarticulado com as ciências humanas e sociais vivências pela população afrodescendente e negra.

Isto posto, existe a necessidade de formação e de capacitação de pessoas interessadas no ensino, pesquisa e extensão, bem como, na produção de espaços para sensibilização, divulgação e formação de um público interessado nos bens culturais de suas localidades, para além de trabalhos acadêmicos, mas permitindo que as comunidades conheçam e valorizem os patrimônios ancestrais, às culturas negras e o pertencimento étnico-racial em seu território.

Por conseguinte, a criação de um museu virtual focado na memória negra, não somente contribuirá para a manutenção, preservação e divulgação desses conhecimentos, mas acima de tudo, propiciará o compartilhamento de temas, assuntos e narrativas de acesso à população como um todo, sem distinção e de maneira democrática pelas redes sociais e plataformas digitais.

Fundamentado nestes princípios, no mês de março de 2021, em alusão ao Dia Internacional da Mulher, “oficializado em 1975, ano que a ONU intitulou de Ano Internacional da Mulher para lembrar suas conquistas políticas e sociais” (BBC NEWS, 2018) e, que poderiam ser publicizados também no mês de julho considerando o dia da mulher negra, latina e caribenha realizado em 25 de julho. Alicerçado por estas datas, a equipe do MABSUL, majoritariamente composta de mulheres negras, realizou a pesquisa e a divulgação das postagens no Instagram com o foco nesse estudo. Em um depoimento na plataforma da rede social do museu encontramos o seguinte relato:

A luta pela libertação da mulher, que constitui o núcleo da doutrina feminista, está baseada na denúncia da existência de uma opressão masculina, com raízes profundas, que atinge todas as mulheres pertencentes a diversas culturas, classes sociais, sistemas econômicos e políticos. As diferenças entre mulheres das mais diversas etnias sempre existiram, mas o Movimento Feminista branco as acentuou. Quando as mulheres líderes desta luta saíram às ruas reivindicando o direito de trabalhar, terem uma carreira, quem ficou cuidando de sua casa, de seus filhos? Quem ficou cozinhando, lavando, limpando a casa? Quem ficou sendo muitas vezes assediada por homens sem escrúpulos? A mulher negra. (JOCELEM RIBERO, 2021)

Analisando-se este relato com vistas aos signos e significados, podemos evidenciar o conceito de interseccionalidade. Conceito esse, estruturado por feministas negras com a intenção de denunciar a universalidade da categoria sociopolítica de *mulher* para além da cis

heteronormatividade branca. Collins e Bilge (2021) definem a Interseccionalidade como uma ferramenta que investiga como as relações de poder influenciam as sociedades que são marcadas pela diversidade, mas sem deixar de lado as experiências cotidianas dos sujeitos. Trazendo a discussão para um campo mais metodológico nos utilizamos de uma outra definição apresentada por Akotirene que elucida que, “a Interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (2019, p. 19). Ainda nesse sentido, a autora revela que essas três opressões se entrecruzam criando avenidas identitárias distintas que marcam a realidade a corporeidade de diferentes indivíduos, sobretudo de mulheres negras, trans e travestis, que são atravessadas cruelmente por essas relações de poder de diversas ordens.

Salienta-se ainda que, ao elucidar, valorizar e evidenciar as narrativas, identidades e escrevivências das mulheres que realizaram e compuseram as postagens o MABSUL promove rupturas com a universalidade hegemônica. Sendo as quais, não considerando as pluralidades que compõem os contextos da sociedade vigente, não somente do movimento feminista e suas perspectivas, mas também outros movimentos sociais que reproduzem a lógica machista com a invisibilidade e apagamento das matriarcas.

Matriarcas que, “pressupõe uma base epistemológica na medida em que é uma forma de interrogar os fatos (que não falam por si só, e sim, quando são interrogados pelo historiador) a partir de uma determinada compreensão do que seja a realidade” (FELIX, 1998, p. 78). Desse modo, ressaltando Chimamanda Ngozi Adichie que apresenta o perigo de uma história única, no qual, tenho somente a perspectiva de um narrador, sem analisar as hipóteses, as formulações teóricas, epistemológicas e conceituais que incluem as diferentes narrativas negras. De tal modo que, nos dias atuais não podemos compactuar com um sistema de legitimação de uma sociedade racista, preconceituosa e machista.

Por um lado, todas as postagens, eventos ou lives formativos do MABSul estão articuladas como possibilidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, de (re)existências para meninas e mulheres negras que terão acesso as produções audiovisuais do museu e, poderão transformar em instrumentos de ensino e de material didático produzido para a educação básica, dos bancos escolares as cadeiras universitárias. Por outro lado, nesse estudo não se analisará afincamente as narrativas e identidades coletadas do acervo do museu, mas evidenciá-las na promoção da equidade e da justiça social ancoradas na interseccionalidade, uma vez que, inegavelmente, essas mulheres foram invisibilizadas na historiografia.

<p>Eva Eliana Medeiros Gomes</p>	<p>13/10/1947 - 11/08/2010</p> <p>Eva Eliana Medeiros Gomes, filha de Francisco Medeiros Eugênia Lemos Medeiros nasceu em 13 de outubro de 1947. Irmã de Jainer Francisco Medeiros, teve a infância difícil.</p> <p>Trabalhou muitas vezes como faxineira nas casas onde sua mãe trabalhava, para sustentar seus estudos.</p> <p>Casada com Leônidas Gomes, gerou quatro filhos. Professora, pós-graduada em Letras, foi alfabetizadora por quase 20 anos, vice-diretora em uma escola do bairro Navegantes, tendo sua vida voltada à educação e caridade. Estudou por 30 anos na Sociedade Espírita Casa da Prece, onde se dedicava às atividades assistenciais. Eva Eliana ajudava a todos, fazia aniversário para as crianças próximas, desde o bolo até os salgados.</p> <p>Ajudou muitos a estudar, doando materiais escolares.</p> <p>Ótima esposa, mãe, uma mulher forte, batalhadora e que ensinou a todos: família, alunos, amigos e colegas a serem da mesma forma: fortes, guerreiros e batalhadores.</p> <p>Eva Eliana desencarnou em 11 de agosto de 2010, deixando com honra seu legado. Hoje seu nome é a identificação da rua onde viveu por 20 anos, no bairro São Gonçalo, em Pelotas-RS.</p> <p>Data da publicação: 02 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Cristiane Gomes @tiane_gomescantora Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Ivaema Soares Fernandes</p>	<p>29/11/1929 - 12/03/2000</p> <p>Um Ser inteiro, lindo de corpo, mente e alma. Assim era dona Iva, carinhosamente chamada por nós seus filhos. Além do papel de mulher, negra, filha, esposa, mãe, provedora do lar e sobrevivente em uma sociedade racista que continua a desvalorizar a mulher, era amante da leitura e da boa música. Agradecemos a esta mulher que como tantas outras lutaram, lutam, e deixaram como legado a suas filhas, netas, bisnetas o sonho de serem quem elas desejaram SER. Dona Iva foi e é aquele Ser que instintivamente soube como ir embora e ao mesmo tempo ficar. Para sempre te amamos. Saudades eternas.</p> <p>Data da publicação: 03 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Joicelem Ribeiro Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Liberací Maria Soares</p>	<p>01/09/1955</p> <p>Liberací Maria, 65 anos de idade, nascida em Pelotas/RS. Filha de João dos Santos, natural de Canguçu, e filha de Therezinha Souza, natural de Pelotas/RS. Uma família de dois homens e quatro mulheres, que um dia resolveram tentar a vida em São Paulo/SP.</p> <p>Liberací Maria, nome de uma santa gaúcha. Uma mulher guerreira, mãe e batalhadora. Todas as batalhas de sua vida foram vencidas sempre com uma frase: para tudo na vida, tem uma solução.</p>

	<p>Liberaci Maria, mãe, amiga, irmã e mulher, que por todos dos seus sonhos abdicou.</p> <p>Data da publicação: 04 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Lilian Soares @liliansoares.sp Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Enilda da Graça Carvalho Ramalho	<p>16/06/1948 - 14/12/2009</p> <p>Uma mulher linda, amiga, um coração enorme, caridosa, empreendedora e Yalorixá. Dona Enilda nascida em família pobre, vindo a perder sua progenitora aos 3 anos de idade. As dificuldades da vida a fizeram uma mulher forte e guerreira que deixou um legado muito importante para seus filhos de sangue e de santo. Como Yalorixá, foi incansável na luta pelo próximo até o final de seus dias, peleando por quem lhe procurava. Mãe, saudades eternas de todos seus filhos.</p> <p>Data da publicação: 05 de março de 2021 Créditos do texto e foto - @prof_fa_ Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Laura Gonçalves dos Santos	<p>30/11/1919 - 21/10/1981</p> <p>Em 30 de novembro de 1919 nasceu Laura Gonçalves dos Santos a primeira poeta negra curitibana de que se tem notícias, co-fundadora da Associação de Cultura José de Alencar (atual Academia de Letras José de Alencar) em 4 de outubro de 1939.</p> <p>Autora das obras, Sangue Tropical, Poemas da Noite e Desejo. Considerada a Pérola Negra da poesia paranaense, Laura Brasil Gonçalves dos Santos, vem ganhando visibilidade com sua poesia, pois conseguiu expressar os assuntos que naquela época eram tabus, sem ser vulgar, com um toque de refinamento. A arte pela arte, a valorização da estética e a busca da perfeição.</p> <p>Em sua vida, seja nas letras e ou na forma de vida que tentou imprimir, representou sempre da melhor maneira o pensamento da mulher negra, curitibana, foi sonhadora apaixonada, lutadora, sofrida... uma mulher à frente de seu tempo..."</p> <p>Texto produzido por: Will Amaral (sobrinha). Foto do acervo familiar de: Will Amaral (sobrinha).</p> <p>Faleceu em plena primavera curitibana, ao voltar para casa do trabalho do Grupo Escolar Dom Pedro II; em 21 de outubro de 1981, dizem que o órgão principal do poeta é o coração e o dela amou muito e intensamente até o fim, mas sua poesia é imortal.</p> <p>Data da publicação: 06 de março de 2021 Trecho final por: Maurem Reis (sobrinha). Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Normélia Ondina Lalau de Farias	<p>“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.” (Angela Davis)</p> <p>Natural de Criciúma, filha dos educadores Clotildes Maria Martins Lalau e Vilson Lalau. Sua inspiração para as lutas antirracistas surgiu com sua mãe que trouxe para Criciúma a força do Movimento Negro. Possui graduação em Química Industrial pelo Fundação</p>

	<p>de Apoio à Educação, Pesquisa e Extensão da UNISUL (1995), especialização em Química pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000), especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2003), mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2019) e aperfeiçoamento em Docência na Educação Básica Profissional Médio pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2002). Já foi Diretora do Antigo Colégio de Aplicação, hoje Colégio UNESC. Atualmente continua lecionando nos cursos da UNESC e é Coordenadora do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena). A professora Normélia ou Nonô como é chamada carinhosamente pelos tantos alunos que já passaram por ela. Ela é só alegria que irradia os corredores da nossa UNESC.</p> <p>Data da publicação: 07 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Denis Vieira Moraes Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Dona Serafina</p>	<p>10/09/1911 - 21/06/2016</p> <p>Oscarina Lemos, mais conhecida como dona Serafina, nasceu no dia 10 de setembro de 1911, em Arroio Grande, no Rio Grande do Sul, e faleceu no dia 21 de junho de 2016, chegando a viver por mais de 100 anos.</p> <p>Criada na zona rural chamada Serra das Aspreza e católica desde jovem, dona Serafina aprendeu a benzer com uma vizinha sua, e logo se tornou benzedeira e rezadeira muito conhecida na sua cidade natal.</p> <p>“Mulher forte, acolhedora e que tinha como princípio o amor ao próximo, fazia caridade e estava sempre disposta a ajudar quem precisasse, seja com suas benzeduras ou com uma palavra de conforto. Sempre alegre e otimista, nunca a vi triste ou desanimada por pior que fosse o problema. Sempre dizia que tudo daria certo. Ela era uma luz enviada por Deus para iluminar o caminho de todos. Eterna Serafina!”.</p> <p>Palavras de uma de suas filhas, Noni.</p> <p>Mãe de 7 filhos, avó de 21 netos, bisavó de 20 bisnetos e tataravó de 5 tataranetos, Serafina foi e é uma personalidade muito importante e querida para a cidade de Arroio Grande, deixando para todos que a conheceram um belo legado de amor e caridade.</p> <p>“Como grande benzedeira também foi reconhecida Benzeu a cidade inteira e jamais negou ajuda Fastio, cobreiro, olho grosso, até espinhela caída Correntinha no pescoço, velas, imagens e arruda Afastando o mau olhado com a fé que tudo cura Insônia e peito agitado, também mau jeito e andaço Ela sempre resolvia com alguma benzedura Oração e simpatia (ou apenas um abraço) E despedindo-se dos seus (ou de alguém que fosse embora) Sempre dizia:- Vai com Deus e com a Nossa Senhora!”</p> <p>Estrofe da poesia “A Saga de Serafina”, de Sidney Bretanha.</p> <p>Data da publicação: 08 de março de 2021 Créditos do texto e foto - @camilacaetanof e Santa Geroni (filha) Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>

Vera Lucia Lucas Santiago	<p>07/09/1954</p> <p>Vera Lucia Lucas Santiago nasceu em 7 de setembro de 1954 em Londrina-PR, foi adotada por Ana Lemes Carrara e Antônio Carrara, pois sua mãe biológica Conceição Lucas, empregada doméstica, sofria de uma doença degenerativa.</p> <p>Vera veio para Curitiba com a família (os pais adotivos e 3 irmãos mais velhos) ainda aos 2 anos, durante a adolescência mudou-se para Brasília com a família, depois retornaram à Curitiba, onde morou a maior parte da vida, considera-se curitibana de coração.</p> <p>Em Curitiba concluiu o ginásio (antigo Ensino Médio), concluiu o magistério, casou-se, gerou 3 filhos Marco Aurélio, André e Fernanda. Mudou-se para o interior do Paraná por conta do trabalho do então marido na época.</p> <p>Trabalhou em diversas atividades: atendente e caixa no comércio, secretária, bibliotecária, professora. É pedagoga formada pela UFPR (2008), atualmente aguarda por sua aposentadoria para curtir o tempo com suas netas Serena Luz e Estrela Celeste Luz, assistindo filmes, viajando, fazendo trilhas, e dançando nos bailes.</p> <p>Data da publicação: 09 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Fer. Santiago Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Dinorá Lisboa de Moraes	<p>18/02/1950</p> <p>Canguçu/RS</p> <p>Mulher de fibra, trabalhadora do campo, dona Dinorá representa a força e coragem da mulher cerritense.</p> <p>Data da publicação: 10 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Vanessa Martins da Costa (@nessamartinscosta) Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Juraci dos Santos Matias	<p>20/12/1947 - 23/06/1994</p> <p>Juraci dos Santos Matias nasceu em 20 de dezembro de 1947 em Curitiba e foi registrada em 06 de junho de 1948, morou e cresceu na Vila Guaiá, onde ainda vivem seus descendentes. Faleceu em 23 de junho de 1994.</p> <p>Viveu num período, onde o registro dos filhos acontecia a posteriori e isso era tratado com naturalidade. Filha de Geraldino Ramiro dos Santos e Octacília Ramiro dos Santos, teve 4 filhos, Vanderléia Perpétua Matias Mendes, Israel Matias, Dirléia Aparecida Matias e Manoel Matias. Com uma personalidade amável, acolhedora. Tinha a preocupação de que suas filhas não tivessem a mesma experiência que ela de casar cedo e viver uma relação abusiva, num lar influenciado pelo alcoolismo.</p> <p>Foi mãe jovem, teve 4 filhos e defendia que as mulheres deveriam estudar, ter uma profissão; dirigir, pois direção, dá o direito de ir e vir; ganhar seu próprio sustento e manter a sua autonomia. Com esse pensamento, ela foi empregada doméstica, vendedora ambulante, doceira, costureira da Escola de Samba Mocidade Azul e do Grupo de Mulheres Negras Iyá Akobiodé, que depois tornou-se Baluarte Negro, fez o curso de enfermeira e parteira, foi líder comunitária da Vila Lindóia, dirigia e acreditava que a</p>

	<p>Educação faria a diferença na vida de seus filhos. Embora no seu Registro de óbito, conste profissão: Do lar</p> <p>F1: Da Esquerda para a Direita: Jucimara do Rocio da Silva (sobrinha), Juraci dos Santos Matias e Lourdes (sobrinha), na festa de 15 anos da Jucimara. Da qual Juraci deu o vestido de aniversário de presente.</p> <p>F2: Da Esquerda para a Direita: Manoel (marido), Vanderleia (filha), Manoel Jr (filho), Juraci dos Santos Matias, Israel (filho) e Dirleia (filha).</p> <p>Data da publicação: 11 de março de 2021 Texto por: Dirléia Mathias sua filha. Foto: Acervo de Lorena Perpétua da Silva. Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Santa Iná Veleda</p>	<p>21/09/1930 - 10/08/2013</p> <p>Santa Iná Barros Veleda, filha de Octavio Barros e Alcina Lemos Barros, nasceu em 21 de setembro de 1930 em Arroio Grande, com 11 irmãos teve uma infância muito difícil que a levou vir para Pelotas com 18 anos para trabalhar como doméstica, mas com o passar dos anos consagrou-se como cozinheira profissional.</p> <p>Casada com Osmar Veleda, gerou cinco filhos, analfabeta, trabalhou mais de 40 anos como cozinheira e sempre procurada pelos melhores restaurantes da cidade era conhecida por todo o meio.</p> <p>Sendo matriarca da família tudo girava em torno dela, pois ela que passou para a família o amor, humildade, sempre manter todos unidos independente da distância e tudo era motivo para festejar.</p> <p>Com a sua humildade alegrava a todos onde chegava com seu sorriso grande e simpatia, foi D. Santa como era conhecida que passou para todos o amor ao carnaval.</p> <p>Carnavalesca nata e acadêmica de coração desfilou por vários anos na ala das baianas.</p> <p>Exemplo de mulher guerreira, esposa, mãe e vó, deixou um legado de amor, humildade e alegria, seus filhos, netos e afilhados, enfim a família toda segue seu exemplo.</p> <p>D. Santa desencarnou em 10 de agosto de 2013, hoje a saudade é imensa, mas a lembrança dos bons momentos passados ao lado dela é o consolo para todos.</p> <p>Data da publicação: 12 de março de 2021 Créditos do texto e fotos - Vanessa Veleda (@veledavanessa) Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Vanda Moura Valim</p>	<p>24/10/1945</p> <p>Nasceu no dia 24 de outubro de 1945 na Vila Freire, Pedro Osório/RS. Filha de Iraci de Moura e de Albertina Domingues, ambos naturais deste Estado. Casada com Flávio Valim gerou 7 filhos e ajudou na criação de 3 sobrinhos. Dona de casa, ótima esposa, mãe, tia, vó e bisavó. Uma mulher forte, batalhadora que mesmo sem ensino de uma escola, ensinou a todos a serem iguais mesmo com tantas diferenças.</p> <p>Hoje reside em Pedro Osório onde criou seus filhos. Uma pessoa muito amada por seus familiares e amigos.</p> <p>Data da publicação: 13 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Vanice Valim Garcia (neta) Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>

Carmela Carvalho Toledo	<p>21/03/1921 - 12/07/2018</p> <p>Como toda mulher que enfrenta a vida, dona Carmela não se recolheu a seu papel de mãe e esposa, ao lado de seu esposo Vicente Carvalho Toledo, foi além e desempenhou as funções de Benzedeira, Costureira, Professora do SESI, onde ensinava Artesanato, Doces e Salgados, aposentando-se como costureira tarefeira do Exército brasileiro. Criou seus filhos Maria Jurema dos Santos, Ubirajara Carvalho Toledo e Jussara dos Santos Freitas deixando como legado a boa educação que leva ao crescimento e a conscientização da cidadania. Eternamente amada pelos seus.</p> <p>Data de publicação: 14 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Ubirajara Carvalho de Toledo (filho). Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Franciele Vargas Valadão	<p>11/07/1994</p> <p>Franciele Vargas Valadão é pelotense, nascida em 11 de julho de 1994 e desde muito pequena é amante da dança. Franciele já praticou todo tipo de dança: Hip hop, Charme, Contemporânea e Afro, mas atualmente se dedica ao samba e Carnaval. Ela faz parte da banda carnavalesca Entre a Cruz e a Espada, da qual já foi Rainha.</p> <p>Data da publicação: 15 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Sabrina Rosa Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Comba Maria Moreira Gomes	<p>12/09/1923</p> <p>Nasceu em Dom Pedrito, RS, no dia 12 de setembro de 1923, casada com Pedro Gil Gomes, veio para Rio Grande com pouca idade. Inicialmente acompanhava sua mãe, que trabalhava em casa de família, muitas vezes ouvia da patroa da mãe a seguinte frase: "Filha de criada, criada é". Nessa época, ela aprendeu a fazer tricô, crochê e costurar, vindo mais tarde, com sua experiência, a bordar vestidos para a Casa das Noivas e produzir roupinhas de bebê para doação em hospitais e quem precisasse.</p> <p>Tinha estudado somente as séries iniciais, mas não se conformou com a situação que estava, pois era uma mulher guerreira, com fibra, bela, inteligente, generosa com o próximo e pensamentos modernos para o seu tempo. Dessa forma traçou um objetivo de conseguir um contrato no magistério municipal.</p> <p>Para alcançar seu objetivo teve que mudar o rumo da sua vida, depois de muito tempo voltou a estudar à noite, no magistério e se formou uma grande alfabetizadora. Depois de formada e com muita luta, conseguiu um contrato no Magistério Municipal. No início começou a alfabetizar nas escolas da área rural, e posteriormente, veio para o centro do Município, onde se alfabetizou por mais de trinta anos.</p> <p>Teve sete filhos, aos quais sempre incentivou para que fossem funcionários públicos. "Combinha" carinhosamente chamada por ter muitas amigas, por sua diversidade de coisas que apreendeu, por sua longa passagem pelo Magistério, e também, porque gostava muito da leitura e viagens, visto que conheceu boa parte do Brasil, países da Europa e a África do Sul, depois de uma certa idade.</p> <p>Vindo a falecer em 2009, com 86 anos, deixou para os familiares e amigos um exemplo de vida pelas suas lutas, conquistas e generosidade com o próximo.</p> <p>Data de publicação: 16 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Carmem Regina Moreira Gomes e Erica Delfina Gomes da Silva (filhas).</p>

Geny Souza Machado Caetano	<p>27/11/1939 - 26/10/1998</p> <p>Natural de Arroio Grande, Geny Souza Machado Caetano nasceu dia 27 de novembro de 1939 e faleceu prematuramente após uma luta contra o câncer de mama aos 58 anos de idade, no dia 26 de outubro de 1998.</p> <p>Professora, mãe de quatro mulheres – que seguiram o mesmo caminho profissional da mãe, tornando-se professoras - esposa do S. Inocêncio Lacy Caetano (in memoriam), devota de Nossa Senhora Aparecida e defensora da valorização e do respeito à cultura e as religiões afro-brasileiras, Geny era uma mulher muito querida e respeitada por todos que a rodeavam, desde sua família, amigos, até alunos e ex-alunos.</p> <p>Começou a exercer sua profissão na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Dionísio de Magalhães, quando foi nomeada em 1965 para o cargo de professora estadual.</p> <p>Seu primeiro trabalho foi com turmas do MOBREAL (antigo programa do governo, criado em 1970, com o objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil. O programa foi extinto em 1985), alfabetizando adultos que estudavam à noite. Após, começou a trabalhar com a 1ª série do Ensino Fundamental, onde as crianças já deveriam ser aprovadas sabendo ler e escrever perfeitamente. Com reforço, dava aulas particulares gratuitas em sua casa para quem necessitasse, tratando a todos os seus alunos com muito amor e dedicação (2017, ARAÚJO).</p> <p>Após se aposentar, começou a fazer parte do Centro Espiritualista de Umbanda (C.E.U) “Fé, Esperança e Caridade”, onde era muito ativa na diretoria. Chegando a ser a responsável por uma festa de comemoração aos 30 anos de fundação do terreiro, sendo este o primeiro evento afro-umbandista de destaque que foi promovido no município.</p> <p>O município de Arroio Grande homenageou-a colocando o nome, “Professora Geny Caetano”, em uma rua do Bairro Carlos Vasques.</p> <p>Data da publicação: 17 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Camila Ferreira @camilacaetanof</p>
Eloah Brisolará	<p>18/03/1929</p> <p>Eloah Brisolará, nascida em 18 de março de 1929, completa hoje 92 anos de vida, a diaconisa mais antiga da primeira Igreja Batista de Pelotas, presta caridade a mais de 35 anos, através de doação de roupas, calçados, alimentos entre outros. Na sua residência está instalada a Congregação Fátima, onde acontecem cultos, agora de forma restrita devido à pandemia, onde se cultiva a fé e adoração do criador. "Vó Eloah", como é conhecida, sempre tem uma prece para abençoar aquele que a procuram, ora por todos com uma energia inigualável. Mãe de 9 filhos biológicos e 6 de criação, educou a todos com muito amor e carinho, ficara viúva precocemente, e conta que construiu sua casa com as próprias mãos. Possui entre seus descendentes 25 netos, 14 bisnetos e 3 trinets.</p> <p>Nossa vó Eloah é motivo de orgulho por todos que a conhecem.</p> <p>O Museu MABSul e todos os seus colaboradores, parabenizam vó Eloah Brisolará, mulher guerreira, de extrema representatividade na cidade de Pelotas, pelo seu aniversário de 92 anos, e, por ser um exemplo de luta, perseverança, bondade e caridade. Feliz aniversário Eloah Brisolará! Muita saúde e prosperidade.</p> <p>Data da publicação: 18 de março de 2021 Créditos do texto - Cristiane Gomes @tiane_gomescantora Créditos fotos - Acervo pessoal da família. Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Maria Cristina Vieira Moraes	<p>14/07/1958 - 10/07/2010</p>

	<p>Maria Cristina Vieira Moraes, neta de filhos de negros alforriados e de uma indígena uruguaia refugiada no Brasil. 3ª filha de 7 irmãos. Sentiu na pele a dor da fome e do preconceito. Passaram por muitas dificuldades nos tempos em que viviam na Vila Farroupilha (Fragata-Pelotas), mas foi educada para ser forte e a ela foi dada a missão e a responsabilidade de cuidar dos irmãos. Casou-se no início dos anos 80 com Paulo Ricardo Moraes e com ele teve 2 filhos, Daiane Vieira Moraes e Denis Vieira Moraes e criou um sobrinho como se fosse biológico Davi Soares Vieira.</p> <p>Uma mulher forte, destemida e que nunca abaixou a cabeça pra ninguém, todos a respeitavam por isso. Foi ela a responsável por hoje existir a comunidade da Ocupação Anglo. Foi a líder desse movimento, lutando por aqueles que não tinham moradia. Ajudava a todos e não importava a hora que batessem em sua porta. Em 2001 juntamente com seu esposo criaram a Banda Dona da Noite. O significado do nome e de o símbolo ser uma mulher, foi inspirado nela mesma. Pois ela era uma mulher que adorava a noite. Teve que lutar bravamente contra o machismo ainda existente no carnaval, pois os grandes presidentes não estavam acostumados a lidar com uma mulher de grande personalidade. Apesar de toda a luta e de ser forte, ela tinha uma personalidade alegre que contagiava todos à sua volta. Praticamente foi a segunda mãe de seus sobrinhos que a chamavam de “Tia Maria”. Nos deixou no dia 10 de julho de 2010. E assim deixou a missão de continuar o seu legado, pois foi seu último desejo. E assim continuamos a manter em pé a Dona da Noite, missão dada a nós por ela. Tinha uma frase que ela sempre dizia para nós e assim levamos para a vida: “Tudo o que fizer, faça com Alegria”. Sempre será um exemplo de Mãe, mulher, guerreira.</p> <p>Data da publicação: 19 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Denis Moraes</p>
<p>Dona Sirley Amaro</p>	<p>12/01/1936 - 28/10/2020</p> <p>SALVE NOSSA MAIOR GRIÔ DONA SIRLEY AMARO</p> <p>A simplicidade e a doçura cativante desta costureira, compositora, cantora, carnavalesca, contadora de histórias, amiga, parceira dos mais diversos eventos sociais em prol da educação e do resgate da cultura negra é o legado deixado por dona Sirley Amaro a sociedade pelotense e região Sul do Brasil. Merecedora das mais diferentes homenagens que recebeu em vida, destacamos estas fotos com um choro contido de saudades de sua risada tranquila e sua voz mansa que prendia a atenção de todos. Como Mestre Griô, título recebido em função de seu vasto conhecimento da cultura negra, desenvolveu oficinas de fuxico e contação de histórias, repassando através da oralidade suas memórias e princípios. Primeira mulher negra a receber o título de doutora Honoris Causa da UFPEL, tributo que, infelizmente, será póstumo devido sua partida. Temos certeza das saudades que deixa como mãe e avó, assim como todos que a conheceram sentirão, pois nós sentíamos e éramos tratados como seus filhos de coração. Nesta singela homenagem transmitimos nossos mais sinceros sentimentos de respeito e admiração a esta mulher que forjando pontes entre academia e saber popular continuará inspirando gerações para que prossigam assumindo posições de protagonismo na história cultural negra por todos os lugares que estiveram.</p> <p>Data da publicação: 20 de março de 2021 Créditos do texto - Jocelem Mariza Fernandes @jokianga Créditos das fotos: Acervo do Grupo DEA - Design, Escola e Arte @grupodeaufpel Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Patrícia Gislaïne Cordeiro da Silva</p>	<p>Sou a Patrícia Gislaïne Cordeiro da Silva e tenho trinta e três anos. Nasci em Castro, interior do Paraná. Venho de uma família pobre onde somos em seis pessoas. Meu pai trabalha a vida toda como pedreiro autônomo. Minha mãe hoje me ajuda a atender no nosso Salão de Beleza, mas ela já trabalhou por muito tempo como empregada</p>

	<p>doméstica. Somos em 4 irmãos e eu sou a segunda filha mais velha. Comecei a trabalhar muito cedo, com 14 anos. Aos 18 eu já conciliava o emprego de ajudante no salão de beleza com a faculdade de Licenciatura em Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Devido ao trabalho, não conseguia realizar as atividades de estágio, o que me fez ficar mais 2 anos na faculdade além do esperado. Em 2009, mesmo sem estar formada, comecei a dar aulas de Física no regime PSS. Em 2015, já desanimada com a área da educação e também notando a falta que fazia ter um espaço que oferecesse serviços especializados em cabelo crespo, decidi investir na área da beleza. Comecei oferecendo serviços de tranças, alisamento e relaxamento, o que deu muito certo. Mas com o tempo passei a me preocupar com a valorização da estética negra natural e passei a focar em procedimentos que facilitassem o uso do cabelo natural. Foi uma aposta arriscada, entretanto, tem dado muito certo. A maior parte das minhas clientes passaram a aderir a essa mudança também. Muitas passaram pela transição capilar e hoje assumem com muito orgulho suas raízes naturais.</p> <p>Data da publicação: 21 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Patrícia Gislaíne Cordeiro da Silva Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Merylin Ricieli dos Santos</p>	<p>23/08/1989</p> <p>Merylin Ricieli dos Santos nasceu em Ponta Grossa em 23 de agosto de 1989. Foi Princesa de Zumbi dos Palmares em um concurso realizado pela Prefeitura do município, Princesa do Carnaval de Ponta Grossa por duas vezes, Miss Simpatia da 23ª Münchenfest, Garota do Pagode do Clube Literário e Recreativo Treze de maio, bem como vencedora em outros concursos de beleza, beleza negra e dança. Realizados em Ponta Grossa e região. Trajetória construída na/pela Escola de Samba Ases da Vila e no/pelo Ballet Clássico, oportunidade que obteve após garantir uma bolsa que durou cerca de dez anos até que decidiu dedicar-se ao curso de licenciatura em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atualmente é Doutoranda em História e desenvolve pesquisas sobre Territórios Negros na Região dos Campos Gerais (PR).</p> <p>Data da publicação: 22 de março de 2021 Créditos da foto: Rosaldo Pereira – Photography (Rede Social da Prefeitura Municipal de Tibagi - PR) Créditos do texto: Merylin Ricieli Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Eva Maria dos Santos</p>	<p>01/09/1953</p> <p>Eva Maria dos Santos nasceu em Ponta Grossa (PR) em 01 de setembro de 1953. Foi boia fria, zeladora e coordenadora de campanhas eleitorais. Mãe, avó e bisavó, gerou oito filhos, adotou dois e criou mais quatro netos. Foi mãe solo duas vezes, perdeu um filho de dois anos e outros dois filhos já adultos. Estudou até a terceira série do ensino fundamental e hoje tem duas filhas pós-graduadas. Casada com um trabalhador de sacaria há quase cinquenta anos é responsável pelo cuidado da casa e orientação dos netos. Guerreira e batalhadora, no ano de 2012 passou por mais um momento de grande superação quando teve um acidente vascular cerebral (AVC) o qual deixou sequelas significativas. Atualmente convive com a família e frequenta rodas de samba sempre que possível. Apaixonada pela vida, personalidade forte e dona de um grande coração, Dona Eva continua a nos inspirar com sua história de luta, superação e resistência.</p> <p>Data da publicação: 23 de março de 2021 Créditos do texto: Merylin Ricieli</p>

	<p>Créditos da foto: arquivo pessoal Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Eva Inês dos Santos	<p>18/10/1967</p> <p>Eva Inês dos Santos, negra, nasci em 18 de outubro de 1967, 53 anos, em Rio Grande, RS, Filha de Aldivo Delgado dos Santos e Maria Olinda Domingues dos Santos e cinco irmãos.</p> <p>Tenho duas filhas, a Thais dos Santos Cabral e Tatiane dos Santos Cabral. Minhas habilidades são várias, sou cabelereira, essa necessitou de cursos, mas o dom que Deus me deu das artes, eu uso em quase tudo que necessita de criação ou renovação, daí vem a qualidade de autodidata, pois tenho a capacidade de recriar alguma coisa, como às pinturas em telas, é algo que me fascina e encanta, também, me trazem equilíbrio e consigo voltar para eixo.</p> <p>Desenvolvo a técnica de crocheter, trabalho com massa de biscuit, traçado em jornal, e outros, nesse mesmo sentido, adoro trabalhar com material de descarte, pois contribuem para desenvolver vários trabalhos lindos e a natureza agradece, sendo que para realizar os mesmos, tive dicas de algumas pessoas e o uso do recurso da internet.</p> <p>Sou um turbilhão de emoções, por ser ativa e perfil empreendedora, um dos meus sonhos é fazer um projeto com objetivo de usar a arte para angariar rendas e terapia ocupacional com o material reciclável, o qual está ali no alcance fácil de todos.</p> <p>Sempre usei esses trabalhos na minha vida, e também não poderia deixar de dizer que sou apaixonada pelo carnaval e uso muita a arte para abrilhantar o mesmo, me considero abençoada, acredito na lei do retorno, somos feitos de energia, de fé e esperança. Atualmente trabalho em posto de combustível, mas sem deixar de sonhar.</p> <p>Data da publicação: 24 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Eva Inês dos Santos Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Dezidéria Olímpia Soares	<p>10/09/1900 - 24/05/1975</p> <p>Quando menina gostava de usar um chapéu e alguém lhe disse, “meu deus coisa mais linda, parece uma flor de açucena”, a partir deste momento este passou a ser seu apelido e começou a constar em nossas certidões como seu nome próprio, Dezidéria Açucena Olímpia Soares, nossa avó materna. Para elaborar este texto pedi para meus irmãos escreverem uma palavra que definisse este ser amado, vó Açucena, assim chamada pelos entes queridos e amigos, tão conhecida por este apelido que houve o princípio de uma briga com um compadre quando nosso avô Bernardino Soares, se referiu a ela como Dezidéria, pensou que ele estava traindo a dona Açucena. Amor não se define, só se sente, mas, as palavras ajudam a apresentá-la. Declamava poesias, meiga, amável, calma, de uma sabedoria ímpar, pois resolvia tudo sem jamais alterar sua voz, foi filha, esposa, mãe de onze filhos, pois criou uma prima como filha, avó, amiga e otimista, não lembro dela chateada ou aborrecida com algo, sempre salientou que somente a honestidade te daria dignidade de dormir em paz. Saudades eternas, mas cheia de lembranças boas é que nos teus netos, netas, bisnetas, tataranetas sentimos.</p> <p>Data da publicação: 25 de março de 2021 Créditos do texto: Sua neta Joicelem Kianga Créditos da foto: Acervo familiar Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Judith Bacci	<p>27/05/1918 – 30/07/1991</p>

	<p>Judith Bacci, mulher, negra, pobre, talentosa, auto ditada, natural da cidade de Pelotas, impressionou a muitos como uma excepcional escultora, enquanto trabalhava como zeladora e responsável pela limpeza do EBA – Escola de Belas Artes, atual Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. O lugar suntuoso do meio artístico elitizado, deparou-se com o talento de uma mulher que sempre teve sua obra apresentada como “ingênua”, ou seja, como se fosse uma arte inferior, que não cabia dentro da classe artística branca e elitizada da cidade de Pelotas. Enfrentou preconceitos e discriminações, mas como uma grande vencedora exerceu as funções de laboratorista e auxiliar de vários professores na arte de esculpir. Suas obras mais reconhecidas são a imagem da Orixá Iemanjá no Balneário dos Prazeres, o busto do ex-presidente do Brasil Tancredo Neves e do ex-presidente norte americano John Kennedy. As obras de Judith Bacci são de suma importância no resgate da história negra e na consolidação da identidade cultural de uma parcela da população do Sul do Brasil. Enquanto acadêmicos e profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, nós do MABSul, agradecemos a resiliência desta mulher negra que hoje contribui na formação da consciência coletiva sobre seu talento e luta de sobrevivência.</p> <p>Data da publicação: 26 de março de 2021 Créditos da foto: Diário Popular 09/12/1986 Créditos do texto: Jocelem Kianga @jokianga Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
<p>Neli Guterres Menezes</p>	<p>03/09/1932 - 18/07/1988</p> <p>Neli Guterres Menezes, nasceu no dia 03/09/1932, na cidade de Rosário do Sul, na beira de um rio. A mãe faleceu do parto. Então a criança ficou órfã e foi criada na casa de portugueses onde sua mãe trabalhava como doméstica. Foi nesta fase infantil que começou a manifestar sua mediunidade, sem saber do que se tratava. Ainda muito jovem, aos 14 anos de idade conheceu o senhor Bento Menezes com quem se casou.</p> <p>Foi acolhida pela Vó Kita do Bará Lodê, que era casada com o seu tio, que moravam no Bairro Getúlio Vargas em Rio Grande.</p> <p>Ao final dos anos 50 abriu seu próprio Ilê na Vila Militar, onde acolhia pessoas e famílias inteiras. Algumas ficavam por tempo indeterminado, morando por anos nas suas dependências. Só era permitido sair se tivessem como se manter e ficassem bem.</p> <p>Teve muitos filhos de santo, algumas centenas e conseguia dar acolhimento e amor de maneira igual, sem fazer distinção de classe social ou poder aquisitivo. Falava da seguinte maneira: “Aqui todos são meus filhos! E são todos iguais!”</p> <p>Mãe Neli da Oyá é referência religiosa, até os dias de hoje, está virando uma lenda pela maneira como conduziu sua fé na religião africana e como dava acolhida para seus filhos e pessoas comuns que batiam a sua porta. Foi uma grande matriarca. Exemplo de amor ao próximo, esse foi seu maior legado. Seu nome ainda é lembrado dentro das casas de batuque, aprontou muitos filhos que hoje são Babás e Yás. Seus descendentes somam milhares na nação de jejê.</p> <p>Faleceu aos 55 anos no dia 18/07/1988, deixando 5 filhas carnais: Jane Beatriz, Tânia Maria, Vânia Elizabeti, Eneida e Neide. Diante de sua belíssima trajetória, suas filhas mantêm seu Ilê em funcionamento, honrando seu legado com muito respeito e com imenso amor por este presente que Olorum nos deixou, chamada Mãe Neli da Oyá.</p> <p>Data da publicação: 27 de março de 2021 Créditos da narrativa e fotos de Eneida Guterres (filha)</p>
<p>Dona Rosa</p>	<p>Dona Rosa, mineira, da cidade de Diamantina, benzedeira por amor e vocação, é uma mulher negra de 90 anos, de estatura pequena, de olhos azuis perspicazes e cabelos brancos.</p>

	<p>Teve 12 filhos e uma vida muito sofrida ao lado do marido que tinha problemas de alcoolismo.</p> <p>Benze os cidadãos curitibanos há 48 anos, toda segunda, quarta e sexta no bairro Bom Retiro, em frente ao seu portão existem filas de espera para receber o benzimento, que ela generosamente oferece sem cobrar valor algum.</p> <p>Aos Domingos reúne a família em seu quintal com uma mesa farta, celebrando as tradições e exercendo a união características das famílias negras.</p> <p>Data da publicação: 28 de março de 2021 Créditos do texto e foto (acervo pessoal) - Letícia Leobet (sobrinha neta de tia Rosa). Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Julieta Amaral	<p>08/10/1962</p> <p>Julieta Amaral, natural da cidade do Rio Grande, nascida em 08/10/1962. Jornalista formada pela Ucpel atuou no rádio, jornal impresso e por mais de 30 anos na televisão, na RBS TV Rio Grande. A notícia pautou sua vida. Deseja que mais mulheres e homens pretos consigam ter um espaço nos veículos de comunicação. Que tenham visibilidade. Tem como frase "Só apreende quem respeita".</p> <p>Data da publicação: 29 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Julieta Amaral Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Dulce Brum Amaral	<p>31/12/1928 - 07/09/2009</p> <p>Dulce Brum Amaral, natural da cidade do Rio Grande, nascida em 31/12/1928 e falecida em 07/09/2009. Mãe da jornalista Julieta Amaral. A matriarca foi a primeira a se formar professora na família. Formação conquistada com apoio do marido o estivador Enedino Amaral que pagou o curso de magistério. Educadora de escola pública dedicou a vida no ensino da língua portuguesa. Cuidados na gramática na construção dos textos. Ensinou alunos no Juvêncio Lemos e no Bibiano de Almeida, e dedicou a vida entre a educação e a família.</p> <p>Data da publicação: 30 de março de 2021 Créditos do texto e foto - Julieta Amaral Créditos da arte - Renan Lemos @renaofotografia Jéssica Oliveira @jessoliveiras</p>
Virginia Souza Machado	<p>Mulher negra, descendente de escravos. Natural do município de Herval - RS, localidade de Cerrito Velho, nasceu em 1885 e faleceu em 1980 aos 95 anos.</p> <p>Vó Vigica, como era conhecida, morou desde que se casou com Julião Machado (in memoriam) na zona rural, município de Arroio Grande, no local denominado Passo da Divisa. Teve 7 filhos: Adão Souza (in memoriam), Augusta Baptista (in memoriam), Julieta Lemos (in memoriam), Marieta Corrêa (in memoriam), Maria Carolina Machado (in memoriam), Nelma Farias e Cláudia Farias.</p> <p>A coragem de viver era dela, apesar da vida ser difícil e lhe apresentar alguns dissabores, pelos poucos privilégios econômicos que tinham. A valentia, a força feminina e a fé eram os amuletos aos quais Vó Vigica se agarrava para enfrentar a vida e criar seus filhos. Dedicava seu tempo aos afazeres domésticos, entre as plantações no cercado (roça) e a colheita do marmelo, que fazia juntamente com seu esposo, as tarefas de costurar,</p>

	<p>remendar, cerzir e bordar, além do seu apurado gosto pela cozinha - doces sabores caseiros da Vó Vigica – assim como os deliciosos quitutes que eram preparados e guardados em latas para serem vendidos na “carpa” (barraca) montada no local onde aconteciam as “carreiras” (corridas de cavalos).</p> <p>Vó Vigica ou “Dinda”, como chamávamos, de um jeito ou de outro nos fortalecia e nos fazia compreender de forma extraordinariamente simples, o sentido da vida – ouvindo o canto matinal daquele garnisé, tomando aquele mate doce com leite fervido com canela e folhas de lima, sentindo o delicioso aroma da flor de laranjeira, alimentando os pássaros ou enfeitando a casa com cortinas de chitão. Ela encantava pela delicadeza, oferecendo um sorriso bem feminino, um afeto no olhar e o melhor colo de vó, tudo tão genuíno! Vó Vigica tinha o acolhimento, a ternura e um mimo guardado para presentear – a lata de doce de marmelo (sempre cheia para os netos/netas/bisnetas ou para as visitas) – um carinho recheado com um dos mais sublimes ingredientes: o amor.</p> <p>Data da publicação: 31 de março de 2021 Texto e fotos por: Maristela Corrêa</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 2: Narrativas identitárias de mulheres negras no/do MABSul. Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

As narrativas apresentadas de todas essas mulheres negras têm singularidades, peculiaridades e percursos próprios individuais ou coletivos, no qual é possível evidenciar temáticas que coadunam em seus relatos – testemunhos como a infância, a família, a educação, o trabalho e o legado como marco de luta, resistência e reexistência em seus territórios. Uma mulher forte, de fibra, batalhadora, mãe/esposa, generosidade, responsabilidade, simplicidade, humildade, princípios, valores e características que representam essas mulheres.

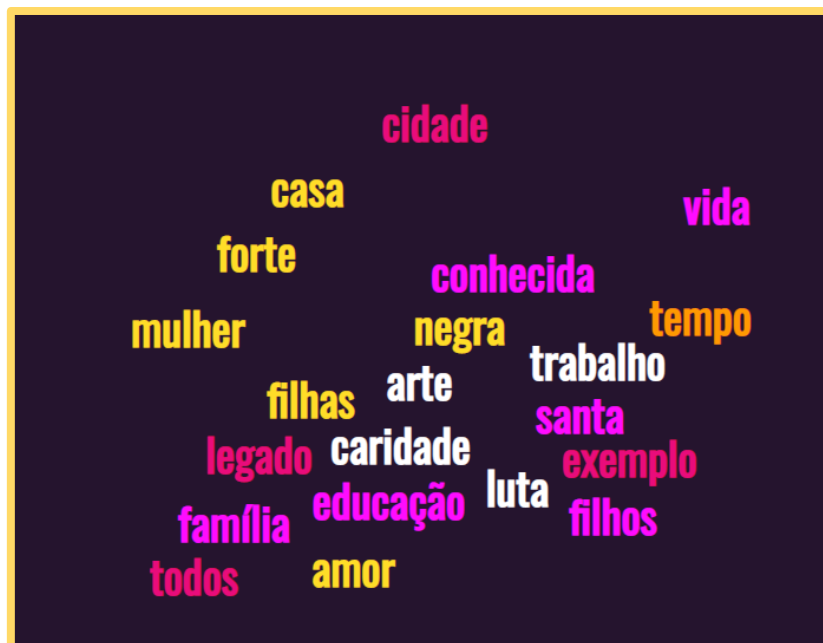


Figura 2: Análise das narrativas e suas singularidades das/nas mulheres.
Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para finalizar, a pesquisa acadêmica não é um objeto, uma interlocutora ou um campo de investigação, todas são pessoas e seres humanos que requerem a valorização da sua trajetória, da sua história de vida e do legado para a comunidade e seu território. Que a história dessas mulheres [negras] propicie o empoderamento de outras mulheres e homens, de jovens e de crianças, de tal modo que, possamos criar uma sociedade empoderada e consciente de que pode estar e ser quem desejar ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas pelas publicações das mulheres [negras] no/do MABSul retratam as novas tecnologias e as redes sociais como processos de ensino aprendizagem, de pertencimento e de empoderamento do indivíduo e do coletivo. Nos quais, uma história de vida não é simplesmente a história de uma pessoa isolada, essa narrativa é fundante para a construção da identidade étnico racial, da valorização cultural, da ancestralidade negra, indígena e afrobrasileira, coadunando com perspectivas que ultrapassam as áreas de conhecimentos na finitude da Academia, mas expandem-se por diferentes campos, sejam eles a História, a Geografia, a Biologia, a Literatura, a Pedagogia e a educação como um todo, em sua interdisciplinaridade de conteúdo, de componentes curriculares e de temáticas que podem (ou deveriam) ser pesquisadas, investigadas e observadas para além do contexto acadêmico, e sim para a formação da vida. Em outra análise, o MABSul como Museu Virtual em constante mudança, colaboração e discussões coletivas articula o território, a patrimonialização, a cultura e a história negra dos territórios nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, seja por intermédio de formação continuada dos membros internos e externos, das lives e eventos temáticos, das postagens nas redes sociais e da produção de podcasts. Tais fontes de informações são um dos pontos que a historiografia brasileira, da micro-história e da história oral estão valorizando no contexto atual, narrativas que antes eram esquecidas, apagadas e morriam com a nossa ancestralidade, assim como um Baobá, os Griôs e as Griots no continente africano que reproduzem e transmitem uma biblioteca vida, de saberes, de fazeres e de conhecimentos que não são guardados para si, mas espalhados como sementes por todo o caminho onde passam. Então este é o nosso legado com este texto, que essa pequena semente possa criar raízes e gerar novos frutos por todos os cantos do país e do mundo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.

BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Casa Civil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso 28 ago. 2021.

_____, 2007. Decreto nº6.040 de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso 28 ago. 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

COMISSÃO PRO ÍNDIO DE SÃO PAULO. Quilombos e legislação. Disponível em: <http://www.cpis.org.br/htm/leis/apresentacao.aspx>. Acesso 28 ago. 2021.

FELIX, Loi0076a Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

SILVA, Lilian Soares da. **Poesia pra quem?** Caderno Sisterhood. Vol. 2, n. 1 (maio, 2017). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde – NEGRAS, 2017. Disponível em: https://www2.ufrb.edu.br/caderno_sisterhood/images/Cadernos_Sisterhood_volume_2_final_2017.pdf. Acesso 01 set. 2021.

VAINFAS, Ronaldo. **História Cultural e historiografia brasileira**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/15676/10417>. Acesso 28 ago. 2021.